

PASTORAL DA TERRA

CPT 30 anos

THE RIGHT LIVELIHOOD AWARD

Comissão Pastoral da Terra

julho a setembro de 2005

Ano 30 – Nº 180

Fotos: Marina Moreira



II Congresso Nacional da Comissão Pastoral da Terra



Vindas de todos os cantos do Brasil, mil pessoas se reuniram em Goiás

VEJAM AINDA:

STF mantém desapropriação de três áreas do complexo Engenho do Prado, em Pernambuco

PÁG. 3

São Paulo e Paraná vão realizar Romarias da Terra

PÁG. 5

Entrevistas com Plínio de Arruda Sampaio e Padre Amaro

PÁG. 7 e 15

EDITORIAL

Compartilhar é preciso

O encontro. Os olhares. A troca de experiência. A busca por conhecimento para entender cada vez mais a realidade tão desigual deste Brasil. Este foi o II Congresso Nacional da CPT, que reuniu cerca de mil pessoas, na Cidade de Goiás, em Goiás, nos dias 14 a 18 de junho.

Vindos de todo o Brasil, ribeirinhos, pescadores, camponeses, mulheres, bispos, pastores e especialistas discutiram sobre terra, água e direitos. Eles compartilharam a teimosa luta contra o latifúndio, que conquistou a terra para muitas famílias e que alimenta a resistência das que estão acampadas. Dividiram o conhecimento na produção limpa e saudável de alimentos e sobre o fortalecimento da dignidade e dos direitos culturais das comunidades quilombolas e indígenas.

Também se falou sobre as iniciativas de ribeirinhos e pescadores na defesa e no uso sustentável dos rios e lagos, e a convivência harmoniosa dos extrativistas com a floresta e dos sertanejos com o semi-árido. No final do encontro, documentos, elaborados depois de toda uma discussão, são sinônimos do compromisso com a luta por mudanças. O *Pastoral da Terra* traz, nesta edição informações sobre o Congresso, sua Carta Final e as impressões de Ana Maria, agente da CPT Amapá.

Festejar as conquistas faz parte da luta. E as 300 famílias que ocuparam



o complexo Engenho do Prado, em Pernambuco, têm motivos para comemorar. No dia 29 de junho, o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu pela desapropriação de três engenhos – Toccos, Papicu e Taquara. São 1.600 hectares que sairão das mãos de apenas uma família para se tornar de várias.

Este é o sentido da Reforma Agrária.

Nesta edição, você ainda lerá duas entrevistas. Uma com Plínio de Arruda Sampaio, que visitou o Congresso e deixou seu recado, “não se pode perder a esperança, tem que ser otimista”, mesmo diante dos claros sinais das poucas conquistas que

os trabalhadores rurais tiveram neste governo. Padre Amaro, que trabalhou ao lado de Irmã Dorothy Stang, também foi entrevista pelo *Pastoral da Terra*. Ele chama a atenção para a realidade vivida pelas comunidades do Pará.

Boa leitura!!!

Da redação



Uma publicação da Comissão Pastoral da Terra
Secretaria Nacional: Rua 19, nº 35, ed. Dom Abel,
1º andar, Centro. Goiânia, Goiás. CEP 74030-090
Fone: (62) 4008-6466 Fax: (62) 4008-6405
www.cptnacional.org.br
e-mail: comunicacao@cptnacional.org.br

Jornalista responsável:
Maristela Vitória (Reg. Prof. 98004/197- GO)
Diagramação: Carla de Abreu (62) 223.0566
Impressão: Gráfica Visual (62) 255-1919

A COMISSÃO PASTORAL DA TERRA é um organismo à linha 6 da CNBB, filiado à The Right Livelihood e à Pax Christi International.

Tem como objetivos:

- I - Viver na solidariedade e com criatividade o serviço pastoral de nossas igrejas aos povos da terra, para que a possuam em paz e com seus frutos.
- II - Promover e valorizar o direito à plena cidadania dos socialmente excluídos e o reconhecimento do seu direito à diferença.
- III - Acolher o grito novo de esperança do povo e celebrar em comunidade a fé no Deus da Terra e da Vida.

REDE DE COMUNICADORES DA CPT

Ana Maria Gallazzi, Pe. Flávio Lazzarin, Hamilton Reis, Jefferson Carneiro da Silva, Jelson de Oliveira, Vanduir Matias Deters, Juvenal José da Rocha, Luiz Antônio Pasinato, Marcilene Aparecida Ferreira, Marcos Lemke, Marcionília Filgueira, Maria Alves Lima, Maria da Conceição, Maria dos Anjos Rodrigues Sousa, Roberto Malvezzi, Valdevino Santiago.

ASSINATURAS

Anual R\$ 10,00.

Pagamento pode ser feito através de depósito no Banco do Brasil, Comissão Pastoral da Terra, conta corrente 116841-X, agência 1610-1. Informações canuto@cptnacional.org.br



DOCUMENTOS IMPORTANTES

Durante o II Congresso Nacional da CPT, realizado de 14 a 18 de junho, na Cidade de Goiás. Foram apresentadas diversas propostas de documentos a serem encaminhados para autoridades. Foram aprovados os seguintes:

Carta ao presidente Lula perguntando: “O que está acontecendo com você, Lula?”, diante da priorização dada à área econômica, esquecendo-se dos compromissos assumidos com a área social.

Solicitações:

Aos presidentes da República, da Câmara e do Senado para que o cerrado seja incluído como patrimônio nacional, a exemplo de outros biomas, e propondo a decretação de uma moratória para o mesmo, para conter sua acelerada destruição.

À Câmara Federal e ao Senado propondo alterações na legislação impedindo o uso das liminares de reintegração e manutenção de posse para a solução de conflitos agrários.

Ao Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) pedindo que em novos assentamentos seja dada prioridade aos acampados, e entre estes, aos com maior tempo de acampamento.

À Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), para que a Campanha da Fraternidade 2007 tenha como tema a Amazônia.

O II Congresso também endereçou carta a D. Pedro Casaldáliga, bispo emérito de São Félix do Araguaia, Mato Grosso, manifestando a ele a admiração, o carinho e a amizade de todos e reconhecendo o papel relevante que teve na criação da CPT.

AGRONEGÓCIO GERA ÔNUS PARA A SOCIEDADE

A Via Campesina e o Fórum Nacional pela Reforma Agrária e Justiça no Campo lançaram, dia 27 de junho, Manifesto denunciando que o agronegócio, que se auto-intitula promotor do desenvolvimento do País e dos superávits na balança comercial brasileira, não honra seus compromissos e joga para o conjunto da sociedade os ônus financeiros dos empréstimos que toma.

O Manifesto mostra que entre as dívidas vencidas (R\$ 8.113.656.680,00) e as dívidas a vencer são mais de 18 bilhões de reais, que os ruralistas querem renegociar com o governo. As dívidas renegociadas estão garantidas pelo Tesouro Nacional. Quer dizer, o povo brasileiro se torna o avalista destas dívidas. O governo paga para o sistema financeiro R\$ 3,388 bilhões por ano de juros desta dívida.

O documento propõe como solução Terra por Dívida. Que o governo troque as dívidas vencidas dos grandes, por terra para a Reforma Agrária. Aliás são as pequenas propriedades até 200 hectares as que mais produzem neste país.

O lançamento do Manifesto aconteceu ao mesmo tempo em que os representantes do agronegócio tomavam Brasília com mais de mil tratores exigindo renegociação de suas dívidas.

FREI HENRI RECEBE O PRÊMIO CULTURA DE PAZ

Frei Henri Burin des Roziers, advogado francês e agente da CPT que se dedica à defesa dos sem-terra e à luta contra o trabalho escravo no Sudeste do Pará, e o Instituto Sou da Paz, ONG criada em 1997 e que realiza

ações de prevenção da violência com jovens da periferia e com a polícia, foram os vencedores da I Edição do Prêmio Roberto Marinho – Cultura de Paz, parceria entre a UNESCO no Brasil e a Fundação Roberto Marinho.

O Prêmio foi entregue no dia 30 de junho, na Academia Brasileira de Letras, com a presença da embaixadora da Boa Vontade na UNESCO, Dona Lily Marinho, viúva do jornalista; de escritores, artistas e personalidades ligadas à cultura de paz.



Maristela Vitória/CPT Nacional

30 ANOS DE CPT

Estava marcada para o dia 29 de junho sessão solene, no Plenário Ulysses Guimarães da Câmara dos Deputados, Brasília, em homenagem ao 30º aniversário da CPT, proposta pelos deputados Luci Choinacki, PT/SC, e Paulo Santiago, PT/PE. De última hora foi convocada uma sessão extraordinária da Câmara para votação de matérias, ficando a sessão de homenagem à CPT adiada. Foi marcada a data de 8 de agosto para esta sessão.

Assembléia Legislativa de São Paulo também prestou homenagem à CPT, pelo seu aniversário, no dia 15 de abril, em sessão solene proposta pelos deputados Renato Simões e Simão Pedro.

ECUMENISMO

Vários membros da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, da Igreja Metodista e da Igreja Ortodoxa Grega e doze bispos da Igreja Católica participaram do II Congresso da CPT.

Bispos e pastores reuniram-se, na tarde do dia 15, e definiram que os bispos se encontrarão durante a Assembléia dos Bispos, em Itaici, em agosto, e que pastores e bispos realizarão seminário para melhor conhecerem a realidade do campo e para se articularem no apoio à CPT.

CONGRESSO NA MÍDIA

OLaboratório de Informática do Lar São José, na Cidade de Goiás, se transformou no espaço da comunicação do II Congresso. Diariamente eram produzidos boletins de imprensa distribuídos para os diversos órgãos de comunicação do Brasil. Uma equipe, formada com os comunicadores das CPTs regionais e da Secretaria Nacional, produziu matérias para a imprensa, para as rádios locais e para o mural, exposto na plenária geral.

Os canais de televisão de Goiânia e os jornais impressos deram espaço para o Congresso. A Rádio Difusora de Goiânia e a Rádio Comunitária “Vila Boa” abriram espaço para a divulgação do Congresso e para entrevistas com os congressistas durante toda sua programação.

As atividades das plenárias foram transmitidas integralmente, ao vivo, via Internet. Para isso bastava acessar a página da CPT Nacional, da Rádio Difusora de Goiânia, dos Redentoristas e do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB).

É a CPT colocando-se em dia com a comunicação!

ENGENHO DO PRADO: CONQUISTA DOS SEM-TERRA

Aluta de 300 famílias sem terra, de Pernambuco, iniciada em 1997 agora obtém uma vitória sem precedentes. No dia 29 de junho, o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu por unanimidade, 9 votos, manter a desapropriação de três engenhos – Taquara, Tocos e Papicu – do complexo Engenho do Prado. Serão desapropriados 1.600 hectares.

O engenho Dependência, que também deveria ser desapropriado para fins de Reforma Agrária, recebeu 5 votos a favor e 4 contra. Diante desta decisão, a ministra Ellen Gracie pediu vistas para examinar o processo, que deverá ser novamente julgado em agosto.

Quando as famílias ocuparam o complexo Engenho do Prado ele estava abandonado há 30 anos. O Grupo João Santos, ligado à Usina Santa Teresa, reivindicava a posse em face de litígio judicial com arrendatários. Na luta pela terra, as 300 famílias enfrentaram a truculência da Polícia Militar e os seguranças da Usina. Elas viram suas casas e lavouras serem brutalmente destruídas por tratores e suas cacimbas e fontes de água envenenadas por capangas do grupo João Santos. As famílias ainda enfrentaram dois violentos despejos em 2003 (em março e novembro).

Os engenhos foram desapropriados duas vezes, uma em 1997, ainda no governo Fernando Henrique Cardoso, e a outra em 2003, já no governo Lula. Mas nas duas vezes, o proprietário João Santos conseguiu obter Mandado de Segurança, suspendendo os decretos de desapropriação.

28ª ROMARIA DA TERRA E DAS ÁGUAS DA BAHIA

Romaria reúne 6 mil pessoas e reacende a esperança da luta por direitos

MARILDA FERRI

Aos poucos eles foram chegando dos quatro cantos da Bahia e até de outros Estados. Com suas sandálias de dedo, rostos queimados pelo sol, foram se acomodando nas rancharias, hotéis, pousadas e embaixo das lonas. À noite, o grande adro da Gruta do Bom Jesus da Lapa estava repleto. De um jeito muito particular, estavam todos lá – jovens, pescadores, quilombolas, sertanejos –, participando da 28ª Romaria da Terra e das Águas ao Bom Jesus da Lapa.

A Romaria, que teve o tema *Solidariedade e Paz? Só com Terra e Água!*, reuniu 6 mil pessoas no Santuário do Bom Jesus da Lapa, na abertura, no dia 1º de julho. A Celebração Eucarística foi presidida pelo bispo de Barra, Dom Luiz Cáppio. Em sua homilia, ele chamou a atenção para o projeto do Governo Federal de transposição de águas do rio São Francisco para o semi-árido do Ceará, Paraíba, Rio Grande do Norte e Pernambuco. “Este não é o momento de transposição, é o momento de revitalização”, afirmou Dom Luiz.

O bispo destacou com preocupa-



Gruta do Bom Jesus da Lapa, Bahia, onde foi realizado a 28ª Romaria

ção o carvoejamento. “Este é o princípio do fim (...) para o processo de desertificação do coração do semi-árido, com a queima de árvores para transformar em carvão”, ressaltou. Na sua opinião, é um caminho sem volta e que já foi proibido em outros Estados, como Goiás e Minas Gerais.

Única no Brasil, a programação da Romaria contou com a realização de plenarinhos para reflexão de temas – como terra, água, política, juventude, quilombos e outros subtemas –, e troca de experiências. Pela primeira vez, se incluiu na

programação o a discussão sobre espiritualidade.

E foi com forte carga de espiritualidade que todos os romeiros se reuniram na tarde de sábado, 2 de julho, e saíram em caminhada. A Via-Sacra seguiu pelo leito seco do Velho Chico, lembrando a todo momento o sofrimento do povo que depende de suas águas para sobreviver, embalada pelas palavras de ordem: “Rio morto, povo morto! Rio vivo, povo vivo”. Com os pés no leito seco do rio e embaixo da parte mais alta da ponte que corta a cidade e une as duas margens do São Francisco, o povo fez ecoar o grito de “Transposição não! Revitalização, sim!”.

Também foram dados alguns recados: “Sem a água nós não vivemos. A água é nosso alimento para plantar, para colher, é o nosso presente e futuro”, declarou, emocionada, dona Valdecira Maria de Melo, de Tanque Novo, comunidade de Caetité, Bahia, e que acompanha a Romaria desde a sua primeira edição.

O ponto alto da caminhada foi a paralisação do trânsito na ponte. Em um ato simbólico, sempre acompanhado da imagem de São Francisco peregrino, o povo deu um gole d’água ao Velho Chico, manifestando a esperança de vida.

Na manhã do dia 3, último dia do encontro, os romeiros se reuniram na Gruta da Soledade para a realização do Grande Plenário. Foi a hora de compartilhar as experiências dos plenarinhos. Abrindo a assembléia, um momento em memória àqueles que dedicaram suas vidas em favor da luta pela terra, água e os pobres. Oscar Romero, Irmã Dorothy Stang, padre Luís Lintner e outros mártires anônimos que escrevem com dignidade a história desse país.

Cultura e juventude

Como em outras edições, a 28ª Romaria da Terra e das Águas contou com a presença dos jovens. Emerson Vilares, 17 anos, pela segunda vez participa do encontro. “O jovem tem o papel de mudar o mundo, e este encontro possibilita refletir sobre isto, sobre nossa realidade, tirar a venda, conhecer os jovens do campo e pensar junto em alternativas”, avalia.

Emerson integra o projeto Casa do Sol, que desenvolve um trabalho com crianças e adolescentes. Entre as atividades do projeto, esta a oficina de teatro. Na Romaria, o grupo se apresentou na grande plenária, levantando jovens e adultos. Os jovens da Escola Agrícola Comunitária Margarida Alves, de Ilhéus, também sacudiram a plenária, com seus ataques e berimbau.



Fotos CPT PR

Ai dos que profanam a terra. Felizes os que cultivam a vida!

A terra e os povos da terra clamam por justiça. Profanada pela ganância de um modelo gerador de degradação ambiental e violação de direitos, a terra deixa de ser o lugar da vida para se transformar no triste cenário de um deserto verde: sem gente, sem biodiversidade, sem água, sem esperança. Esta realidade será discutida durante a 20ª Romaria da Terra do Paraná, que será realizada em São Pedro do Ivaí, no dia 21 de agosto.

Organizada pela CPT Paraná, a caminhada ainda pretende discutir com a sociedade as consequências do modelo de agricultura que vem sendo implementado hoje no Brasil e apresentar

um outro modelo – abençoadas são as mãos que cultivam os alimentos na terra sem ferir a dignidade do homem e da Terra.

O governo tem dado todo apoio para o agronegócio, que ocupa longas extensões de terra, principalmente com a monocultura da cana-de-açúcar, da soja e do milho, expulsando os pequenos produtores e acabando com a biodiversidade. Grandes empresas capitalistas (a maior parte delas estrangeiras) envolvidas no processo de produção, beneficiamento, industrialização e comercialização de produtos de origem agrícola, pecuária, florestal e extrativista, invadem o campo com o intuito de produzir para a exporta-



ção. Esses produtos escondem a face perversa da concentração da terra, da degradação ambiental, da violação das leis trabalhistas e do trabalho escravo.

A vida é ameaçada pelos valores econômicos. A realidade injusta da terra, a má distribuição, a poluição, a concentração e a violação dos direitos do povo da terra ferem os princípios bíblicos e teológicos (presente em Gênesis 2,15-17). O agronegócio profana a sacralidade da terra, das águas e de toda a criação, toda vez que envenena a terra visando o lucro desenfreado, explora e sufoca a vida dos trabalhadores e trabalhadoras. É preciso fazer com que os bens da criação sejam reconhecidos como obra de Deus e não propriedade de alguns.

Por isso, convocada pelo grito das mulheres e homens excluídos da terra e pela voz do profeta que diz “ai de vocês que juntam campo a campo, até que não sobre mais espaço e sejam os únicos a habitarem no meio do país” (Is 5, 8), a CPT empresta a sua voz para perguntar: o que estão fazendo com o campo brasileiro? Perguntar é denunciar. Perguntar é anunciar um outro modelo. É refletir e elaborar estratégias de enfrentamento dos problemas advindos da expansão deste tipo de agricultura em nosso país.

A CPT convida as comunidades, movimentos e entidades a participarem da 20ª Romaria, retomamos a luta por um modelo de agricultura que coloque a vida humana e de todos os seres vivos em primeiro lugar, acima do lucro e da ganância daqueles que querem “acumular tesouros na terra”, cometendo graves injustiças sociais e ambientais.

Reafirmamos a necessidade de geração do protagonismo dos trabalhadores e trabalhadoras (que devem se tornar sujeitos de sua própria ação) como estratégia de luta, organização e enfrentamento deste modelo depredador e excludente. Reafirmamos a urgência da efetivação da Reforma Agrária e valorização da agricultura camponesa como parte do processo de construção de um outro modelo de agricultura e de sociedade. Reafirmamos nosso compromisso na luta contra as violações dos direitos trabalhistas dos assalariados rurais e renovamos nosso compromisso com a prevenção e o combate do trabalho escravo.

1ª Romaria da Terra e das Águas da Diocese de Presidente Prudente

A Diocese de Presidente Prudente e a CPT Pontal estarão promovendo, no dia 24 de julho, às 7 horas, em Euclides da Cunha, São Paulo, a 1ª Romaria da Terra e das Águas da Diocese de Presidente Prudente. O trabalho de sensibilização das comunidades locais já vem sendo realizado há alguns meses. O lema da caminhada é Paz na Terra: Justiça Social nas Terras do Pontal. O objetivo é refletir sobre a realidade no campo da região, marcada pela violência.



A Romaria do ano passado reuniu centenas de pessoas

De OLHO
no seu DIREITO



Trabalhador(a) Rural na Previdência Social

A previdência social atua na concessão de benefícios por invalidez, velhice ou tempo de serviço; doença e maternidade; acidentes de trabalho; desemprego (concedido pelo Ministério do Trabalho e Emprego) e salário família. A Previdência Social atua em todo o país e é custeada pelas contribuições dos trabalhadores, das empresas e do estado, em proporções variáveis.

Em muitos casos, principalmente na zona rural, o pagamento dos benefícios da Previdência é a principal fonte de renda familiar. Cerca de 70,8% da renda média domiciliar nos municípios do interior do Nordeste tem essa origem. Na Região Sul, os benefícios recebidos por aposentados e pensionistas da zona rural correspondem a 41% da renda média familiar mensal.

O(a) Trabalhador(a) rural pode ser considerado segurado especial quando ele trabalha a terra apenas com o auxílio dos familiares, cuja produção se destina ao sustento da família, é a categoria que não é exigida contribuições, mas deve comprovar o exercício de atividade rural, em número de meses idênticos ao número de contribuições exigidas para os benefícios urbanos. Esta aposentadoria pode ser por tempo de serviço, idade ou por invalidez.

A legislação previdenciária hoje oferece os seguintes benefícios para o(a) trabalhador(a) rural:

- 1- Auxílio doença,
- 2- Aposentadoria por Idade,
- 3- Aposentadoria por Invalidez,
- 4- Pensão por Morte,
- 5- Salário Maternidade para as trabalhadoras rurais.

O Salário Maternidade é devido à trabalhadora, durante 120 dias, com início 28 dias anteriores ao parto e término 91 dias depois dele, considerando, inclusive, o dia do parto. O parto é considerado como fator gerador do salário maternidade, bem como a adoção ou a guarda judicial para fins de adoção. Tratando-se de parto antecipado

ou não, ainda que ocorra parto de natimorto, comprovado mediante atestado médico original, a gestação a partir da 23ª semana, situação em que seja considerado parto normal, tendo a segurada direito ao recebimento do benefício pelos 120 dias. A condição para receber esse benefício, no caso de natimorto, tem que ficar evidenciado no atestado médico que não se trata de aborto criminoso. Para tanto, o médico assistente da segurada deverá informar o CID específico.

O direito ao salário maternidade para a segurada trabalhadora rural especial, passou a vigorar a partir da vigência da Lei 8.861, de 25 de março de 1994, com direito ao benefício a partir de 28/03/94, desde que comprovado o exercício de atividade rural, ainda que de forma descontínua, nos 12 meses imediatamente anteriores ao mês do parto, observando os prazos da decadência e da prescrição quinquenal. A partir de 29 de novembro de 1999 a trabalhadora rural deverá comprovar 10 (dez) meses de atividade para ter direito ao SALÁRIO MATERNIDADE.

O valor da renda será de um salário mínimo, para as seguradas que não têm a obrigação de contribuir, para as demais será de acordo com as contribuições efetuadas. Documentos necessários para o requerimento do salário maternidade:

- 1 - Carteira de identidade original e cópia para compor o processo (com o original, não é necessária autenticação de cartório);
- 2 - CPF;



João Ripper

- 3 - Endereço para correspondência completo, inclusive com CEP;
- 4 - Atestado médico ou Certidão de Nascimento do recém nascido (a);
- 5 - Todos os documentos que comprovam a atividade rural tais como: documento da terra e INCRA caso seja a proprietária, certidão de casamento, nascimento de filhos, declaração do sindicato da categoria ou do proprietário da terra juntamente com cópia do documento da mesma, dentre outros... Contanto que comprove o exercício da atividade rural.

• Esta coluna é uma colaboração de Maria Luzeni dos Santos (chefe do Serviço de Benefício da APS/INSS/Goiania/Centro e Colaboradora do Centro Popular da Mulher de Goiás)

RECEITAS MEDICINAIS

Abacaxi

Nome científico: Ananás sativus Schult.

Princípios ativos: Bromelina, sais minerais, vitaminas A, B e C.

Propriedades terapêuticas: Diurético, digestivo, expectorante e calmante da tosse.

Partes usadas: fruto maduro e as folhas

Xarope de Abacaxi

Colocar um abacaxi cortado em uma panela e cobri-lo com mel. Cozinhar, tampado, durante cinco minutos, e deixar esfriar. Guardar na geladeira.

Para curar bronquite: tomar quatro colheres de xarope quatro vezes ao dia.

Combater a tosse catarral:

Fazer infusão. Duas colheres (sopa) de suco natural de abacaxi e uma colher de mel numa xícara de chá com água quente. Beber o líquido ainda quente, sempre antes de se deitar.

Para dissolver cálculos

renais: Picar o abacaxi com a casca, sem a coroa, colocar no liquidificador com um pouco de água e triturar. Coar o caldo e guardar. Tomar um cálice, três vezes ao dia.

Combater afecções da

garganta: fazer gargarejos e tomar o suco da fruta.

Receita do livro Terra, Água e Chá, do projeto Guandu, desenvolvido no Espírito Santo.

ENTREVISTA COM PLÍNIO DE ARRUDA SAMPAIO

“O que é importante é a luta, e ela já está na rua”

MARISTELA VITÓRIA

Para Plínio de Arruda Sampaio, os camponeses possuem uma grande capacidade de se organizarem, que é essencial na luta pela terra. Ele é responsável pela elaboração do Plano Nacional de Reforma Agrária, aprovado pelo presidente Lula em 2003, após marcha realizada pelos trabalhadores rurais de Goiânia a Brasília. No dia 17 de junho, Plínio de Arruda falou aos participantes do II Congresso Nacional da CPT, realizado na Cidade de Goiás, Goiás.

Segundo ele, o presidente Lula precisa aprovar os novos índices de produtividade, pois só assim será possível fazer as necessárias desapropriações para a Reforma Agrária. Lula prometeu aos trabalhadores rever os índices depois da Marcha Nacional pela Reforma Agrária, realizada no último mês de maio, com a participação de 12 mil pessoas. Com voz altiva e olhar sereno, Plínio de Arruda concedeu a seguinte entrevista ao Pastoral da Terra.



Marina Moreira

Este ano, a CPT faz 30 anos, o que o sr. tem a dizer sobre esta caminhada?

Ela faz parte deste processo de tomada de consciência do povo brasileiro. A CPT é uma das tropas do povo, é um dos braços desta grande luta do povo pela dignidade, pela cidadania e para construir uma nação justa.

Durante a sua fala, o sr. disse que a situação agrária está complicada, por que?

Porque não se faz uma reforma agrária, e é preciso fazê-la. É fundamental mudar o modelo de agricultura. Ter uma produção agrícola para atender a necessidade de alimentação do povo e para garantir renda para o produtor agrícola, para ele viver. São os dois sentidos

da agricultura. Mas nós estamos fazendo uma agricultura para dar lucro para as grandes empresas estrangeiras e isto é que está errado.

O sr. falou também sobre os índices para a questão da desapropriação da terra, eles foram criados há 30 anos. Quais são os problemas destes índices?

Se forem aprovados os novos índices, aqueles que foram estudados pelos técnicos, um monte de fazenda que hoje é considerada produtiva passa a ser improdutivo. Então estes cidadãos, que têm fazendas improdutivas, mas como os índices são muito atrasados, são consideradas produtivas; estão se opondo, estão impedindo o Lula de decretar os novos índices.

Em maio foi realizada a Marcha Nacional pela Reforma Agrária. O sr. acha que o Lula vai fazer o que realmente prometeu no final dela?

O mais importante é a Marcha, a capacidade de mobilização. O que o povo demonstrou é a capacidade de atuar organizadamente, disciplinadamente, não houve nenhum incidente nesta Marcha. 200 quilômetros, 12 mil pessoas.

Alimentar 12 mil pessoas, manter a higiene de 12 mil pessoas, manter a paz e a cordialidade entre 12 mil pessoas, fazer discussões entre 12 mil pessoas, esta é a vitória. Se o governo vai conceder ou não, este é um problema que faz parte da luta. O que é importante é a luta, e ela já está na rua.

Então o sr. acha que os movimentos estão conseguindo se organizar para fazer a luta?

Eu acho que sim. Tanto que não sou um homem desanimado, eu sou um homem animado, porque eu acho que o povo está começando a tomar consciência e se organizar. Este evento (II Congresso da CPT) é um exemplo. Você reunir mil pessoas aqui, neste lugar distante, mostra a vontade muito grande de mudar o país.

Porque o sr. está pleiteando a presidência do PT?

Porque o PT perdeu o rumo, ele não é mais aquele e eu sou candidato a presidência para que o PT volte a ser o que todos nós sonhamos.

Fotos: Marina Moreira



II CONGRESSO NACIONAL DA CPT

A caminhada e seus desafios

MARISTELA VITÓRIA

O II Congresso Nacional da Comissão Pastoral da Terra (CPT), realizado na Cidade de Goiás, Goiás, de 14 a 18 de junho, reafirmou algumas ações da Pastoral e apontou novos caminhos. Vindos de todos os cantos do Brasil, cerca de mil pessoas, entre trabalhadores rurais, quilombolas, ribeirinhos, pesquisadores, agentes de pastoral, bispos, padres, pastores, discutiram temas como questões agrárias e agrícolas, trabalho escravo, agroecologia e a transposição do rio São Francisco.

O debate ajudou a reafirmar que a terra é espaço de vida, que envolve elementos culturais, religiosos e de sobrevivência. “A prática da agricultura camponesa esta imbuída deste espírito, por isso o Congresso denunciou e repudiou o modelo do agronegócio, porque trata a terra e a natureza apenas e exclusivamente como um instrumento de exploração econômica”, observa Dom Tomás Balduino, presidente da CPT.

Transposição é um atraso

Ao lado da terra, houve a discussão sobre água. Ela deve ser garantida como um direito humano e preservada. “A água não pode ser reduzida a uma simples mercadoria, ser transformada em hidronegócio”, explica Isidoro Revers, da Coordenação Nacional da CPT. Nesta perspectiva, João Abner, prof. da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), falou sobre a transposição do rio São Francisco, no dia 17.

Para ele, a transposição é um projeto atrasado e desnecessário, já que a região possui o maior estoque de água armazenada em açudes. A região do nordeste setentrional possui 36 bilhões de metros cúbicos armazenados em cerca de mil grandes açudes públicos e 70 mil pequenos e médios açudes privados. Com a transposição, observa Abner, “a água vai para os maiores reservatórios, quer dizer, nos pequenos e médios que sofrem colapso, ela não vai chegar.”





Trabalho escravo

Dentro do tema direitos, um aspecto destacado foi o combate ao trabalho escravo e degradante. A luta pela aprovação da Proposta de Emenda Constitucional (PEC) nº 483, que prevê a expropriação das áreas rurais onde se constatar a prática do trabalho escravo, será reforçada. Segundo Revers, a CPT também continuará a fazer denúncias e a dar apoio aos trabalhadores encontrados em situação análoga à escravidão. “Estes trabalhadores serão convidados a se integrarem à luta pela terra, pois só com o assentamento e a Reforma Agrária eles conquistarão sua cidadania e uma forma de se sustentarem”, completa.

Na Carta final, o Congresso é descrito como um momento em que a Pastoral da Terra escutou o clamor do povo oprimido, e todos os corações ali presentes se encheram de tristeza, mas também de “vontade de lutar contra

a grilagem das terras devolutas e públicas, a devastação ambiental, o trabalho escravo, o desemprego e o subemprego crescente.” Os participantes também se indignaram “por causa de milhares de famílias camponesas expulsas da terra com a conivência do Estado e, sobretudo, do legalismo cego de muitos juízes.”

As manhãs do Congresso foram reservadas para as plenárias gerais, em que assessores ajudavam com análises. No dia 15, Horácio Martins, sociólogo e assessor do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), e Marcelo Barros, monge beneditino, fizeram a análise da conjuntura política e econômica atual. No dia seguinte, Ariovaldo Umbelino, prof. titular da Universidade de São Paulo, e Elder Andrade, da Universidade do Acre, analisaram o tema terra.

A questão da água foi abordada por João Abner e Cristiane Nadaletti, dirigente do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB). No últi-

mo dia, Elmano Freitas, advogado do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), e Jean Pierre Leroy, coordenador do programa Brasil Sustentável e Democrático da Fase, discutiram direitos. No período da tarde, os participantes se dividiam em 21 grupos, onde foram apresentadas e discutidas experiências desenvolvidas pela CPT em diversas comunidades.

30 anos de CPT

O cenário turbulento no qual a CPT foi criada, há 30 anos, no período da ditadura, foi lembrado por Dom Tomás Balduino, presidente da Pastoral, durante a abertura do II Congresso, no dia 14. “A caminhada para a terra prometida começou ali, quando Deus reuniu aqueles agentes de pastoral, bispos, padres e leigos. E essa caminhada tem resultados, apesar do sofrimento”, destaca Dom Tomás.

A Diocese de Goiás tem uma im-

portância muito grande na caminhada da CPT. Ela incorporou a Pastoral da Terra desde o primeiro momento, e destacou-se, ao longo dos anos, pelo apoio dado às lutas e reivindicações dos trabalhadores do campo da região. Dom Eugênio Rixen, bispo da Diocese, destacou a importância da região em termos de Reforma Agrária durante a sua fala, no dia 14. “Este município tem a maior concentração em número de assentamentos, são 22, e o último, São José de Ferrerinho, o povo entrou na terra semana passada (de 5 a 11 de junho)”, disse.

O encerramento do Congresso marcou o início da II Festa da Colheita, realizada pela Diocese de Goiás e a CPT local. Cerca de duas mil pessoas, incluindo pequenos agricultores dos assentamentos da região, participaram.

● Assessora de comunicação da CPT Nacional



II CONGRESSO NACIONAL DA CPT

Carta de Vila Boa de Goiás

“Os pobres herdarão a terra e se deleitarão na abundância da paz” (Sl 37,11)

A FESTA

Vindos de todos os cantos do Brasil, na Vila Boa de Goiás, cerca de 1000 companheiros e companheiras, representantes de trabalhadores e trabalhadoras rurais, de posseiros, de assalariados rurais, de quilombolas, de lideranças indígenas, de ribeirinhos, de agentes de pastoral, de bispos, padres, pastores, pastoras, religiosos e religiosas, o Pastor e membros da Igreja de Goiás, nos congregamos para celebrar o 2º Congresso Nacional da Comissão Pastoral da Terra no seu 30º aniversário.

Nos reunimos proclamando a *fidelidade ao Deus dos Pobres* que se revelou a Moisés, a *fidelidade aos pobres de Deus* que nossos fundadores prometeram 30 anos atrás, a *fidelidade ao serviço aos povos da terra* que hoje nos provoca e convida a escutar.

Abrimos nossos ouvidos e nosso coração se alegrou quando nos contaram das maravilhas que acontecem no meio de nós: a luta teimosa contra o latifúndio, que conquistou a terra para muitas famílias e que alimenta a resistência indomável dos que continuam acampados.

A valorização dos nossos conhecimentos na produção limpa e saudável de alimentos, frutos de nossas sementes e do nosso amor e cuidado com a terra, que não a queremos envenenada por agrotóxicos.

O fortalecimento da dignidade e dos direitos culturais das comunidades quilombolas e indígenas; as iniciativas de ribeirinhos e pescadores na defesa e no uso sustentável dos nossos rios e lagos; a convivência harmoniosa dos extrativistas com a floresta e dos sertanejos com o semi-árido.

Festejamos a presença militante e indômita dos movimentos populares que reúnem, articulam e fortalecem a luta de sem-terra, atingidos por barragens, pequenos agricultores na conquista dos direitos, na defesa do ambiente, na construção popular de um novo projeto para o Brasil e para a América Latina que seja realmente alternativo, solidário e sustentável.

Nos alegramos, também, com o indiscutível protagonismo de mulheres e jovens que contribuem de maneira criativa e generosa com a luta camponesa.

O CLAMOR

Nossos ouvidos, porém, tiveram que escutar também, o clamor que vem do



Marina Moreira

povo oprimido e nosso coração encheu-se de tristeza, indignação e vontade de lutar contra a grilagem das terras devolutas e públicas, a devastação ambiental, o trabalho escravo, o desemprego e o subemprego crescentes.

Nos indignamos por causa das milhares de famílias camponesas expulsas da terra com a conivência do Estado e, sobretudo, do legalismo cego de muitos juízes.

O agronegócio da madeira, dos grãos, do eucalipto, da cana, divulgado como sinal maior do desenvolvimento do Brasil, foi desmascarado neste congresso, por não ter nenhuma utilidade para os brasileiros, não gerar emprego, não distribuir renda, produzir pouquíssimos alimentos para nossas mesas e, de tabela, devastar as florestas, envenenar as águas, grilar nossas terras, explorar e assassinar trabalhadores e trabalhadoras.

Podemos afirmar, com todas as letras, que, em muitos casos, as terras do agronegócio intensivo e extensivo, não cumprem a necessária e obrigatória função social, exigida pelo art. 186 da Constituição Federal.

O grito do povo ficou ainda mais dramático quando denunciou que a esperança de mudança que a vitória de Lula tinha alimentado, não está se realizando. O desencanto, porém, não significa desânimo. Nossa luta vai continuar, pois acreditamos que é possível e necessário vencer os projetos faraônicos, a exemplo da transposição do São Francisco, superar a lógica de uma política financeira que faz com que o dinheiro do nosso país seja destinado

prioritariamente ao pagamento dos juros de uma dívida externa e interna ilegítima e imoral, já paga financeiramente. Dinheiro usado na perversa dinâmica da corrupção e da cooptação que penetram em todas as camadas do poder e, às vezes, também, nas organizações do povo.

A ESPERANÇA

Os gritos de esperança misturados de angústia foram a tônica destes dias de fraterna convivência, estando nós acampados austera e alegremente, saboreando os produtos trazidos com fartura de todas as nossas regiões e vindos também da generosidade do povo das comunidades e dos 21 assentamentos de Reforma Agrária do município de Vila Boa de Goiás, que aqui nos cabe agradecer.

Momentos inesquecíveis foram todas as celebrações, com destaque para a noite das “*testemunhas fiéis*” tendo à frente a figura de Dorothy Stang, Irmã da CPT e dos pobres da Amazônia. Nas praças e ruas de Goiás, a multidão dos congressistas, acompanhados pela população da cidade, tornou-se uma só alma e um só coração na memória, no testemunho e no compromisso, em companhia de todos os nossos mártires.

NOSSOS COMPROMISSOS

Foi nesta moldura de fé e de luta, que o Congresso renovou apelos e compromissos

para nós, nossas organizações populares e nossas igrejas: arrancar as mordças de nossas bocas e de nossos corações para não nos envergonharmos de um sonho e de uma utopia que o sistema capitalista e imperialista dominante quer destruir dentro de nós e que as gerações futuras tem direito de receber, já iniciado por nós;

Empenhamo-nos no trabalho maciço de base, marca registrada da CPT e, ao mesmo tempo, sempre cuidar do projeto maior que, a partir dos valores do camponato, queremos construir e oferecer ao nosso país e ao nosso mundo globalizado;

Assumir decididamente o apoio à luta, ao protagonismo e à organização dos trabalhadores e trabalhadoras assalariados, peões, diaristas, bóias frias vítimas de superexploração, aliciamento e trabalho escravo.

Apoiar as comunidades e os movimentos populares em suas lutas contra a concentração fundiária, contra a devastação ambiental, especialmente contra a privatização, mercantilização e poluição da água, direito humano e patrimônio da humanidade.

Acreditar que o ecumenismo da vida e da dignidade das pessoas e do ambiente deve nos fazer cada vez mais conscientes e corajosos, como os mártires que cultuamos, e que o Evangelho passa necessariamente pelas grandes causas que a realidade mostra para a CPT assumir e implementar.

“OS NOVOS CÉUS”

Na grande plenária, guardaremos as palavras de seu Sebastião, um companheiro, camponês do Ceará que, com seus 67 anos, nos gritou com entusiasmo: “*Novos céus e nova terra, a gente é quem faz, com a nossa prática!*”.

Como CPT queremos dar o que pudermos de nossas vidas à construção destes “novos céus e nova terra” e o mesmo desejamos a vocês, amigos e amigas, que nos acompanharam na leitura desta carta, em fidelidade ao Deus dos Pobres e a serviço aos povos da terra.

Os participantes e as participantes do II Congresso Nacional da CPT

II CONGRESSO NACIONAL DA CPT

Marina Moreira

Dorothy
estava lá

ANA MARIA RIZZANTE GALLAZZI

Um congresso é sobretudo isso: o reencontro com pessoas que conhecemos ao longo de anos e anos de luta e caminhada e o encontro com pessoas novas, das quais só conhecíamos o nome. Como é bom encontrar rostos conhecidos, marcados pelo tempo, mas com o mesmo brilho no olhar e o mesmo entusiasmo no coração! São estes encontros que aquecem o coração e irão nos sustentar e fortalecer, qual olho d'água escondido, quando os perigos da caminhada e a dureza da luta ameaçam enfraquecer a vontade ou endurecer o coração. Isso busquei e encontrei no II Congresso. Quis me dar este presente: as palavras de Irmã Jane, de Anapú, Pará, que a cada aniversário me envia um lindo cartão pedindo: "Celebre sua vida!". Me encorajaram a comemorar meu jubileu de vida e de CPT indo ao encontro de amigos e amigas!

Uma amiga me acolheu de forma especial: sabia que estaria lá e tentei me preparar, pois sabia que não seria fácil encontrar Irmã Dorothy, minha irmã e amiga de mais de 20 anos de CPT e de CEBI. Cheguei e ela me acolheu com seu sorriso aberto, estampado nas dezenas de camisas da delegação do norte e com as palavras de denúncia, protesto, compromisso, nas faixas trazidas de várias regiões. Dorothy me abraçou do enorme painel apresentado no primeiro dia, recebido com o silêncio dos mais de mil participantes, seguido do aplauso fragoroso que a consagrou testemunha do Congresso e da CPT.

Assim reencontrei Dorothy e não segurei as lágrimas: é tão injusto e cruel o que te fizeram! Assim como é tão coerente e evangélica tua serena decisão de permanecer a postos, até o fim, mesmo sabendo que o fim estava chegando!

É tão profeticamente exemplar tua entrega mansa, que não nos deixa saída: se quisermos ser tuas amigas e companheiras, tuas irmãs, temos que seguir teus passos. Nada mais! E assim ficaste no Congresso, acompanhando as celebrações, a caminhada dos mártires e durante as



plenárias, atrás do palco, de frente para o povo, nos olhando.

Pena que os oradores, ao falar, estavam de costas para ti! Tivessem te olhado, alguns deles não teriam insistido em análises tão catastróficas e pessimistas, nem teriam repetido tanto o refrão: "Ninguém faz nada! Ninguém tem um projeto!" Palavras irritantes. Palavras inúteis, incapazes de esquentar nossos corações!

Eu voltava a te olhar e teus olhos enviavam palavras de incentivo, de força, de questionamento e de muito carinho. Olhava além de teu rosto e via, no painel, a mata a perder de vista, a mata que tu conhecia e amava. E de dentro da mata, via surgir dezenas de rostos das pessoas que foram a razão de tua vida e de tua morte. Vi o rosto das mulheres, nossas amigas da transamazônica, que aprendi a conhecer e amar, desde nosso primeiro curso bíblico, quando o Centro Nazaré era um conjunto de barracos cobertos de palha, erguidos em mutirão por ti e pelas primeiras pessoas que se reuniam ao teu redor, convocadas pela proposta de um projeto de liberdade e dignidade, alimentado com esperança e regado com teimosia: a deles e a tua. Como te amavam e estimavam estas mulheres! Como confiavam em ti! Como tu as amaste! Alimen-

tavas teu compromisso, te espelhando na dureza de suas vidas! Quantas vezes nos sustentamos mutuamente, falando da força e da ternura destas amigas a quem dedicamos a vida!

São estas mulheres que surgem agora por trás de teu rosto, no painel, com os olhos cheios de lágrimas, como os meus, e nos lábios, o sorriso cúmplice de quem decidiu que não largará da luta, muito menos agora, que o sangue da amiga Dorothy encharcou e fecundou o travessão!

É por elas que li o poema indignada, no encerramento da vigília dos mártires, por isso a voz não vacilou: elas estavam comigo, para te homenagear.

Dorothy, tenho orgulho de ter te conhecido, de ser tua amiga, de ter ajudado, mesmo que tão pouco, a adubar as primeiras sementes da organização em Anapu. Dorothy, sinto remorso de não ter conseguido fazer mais para ajudar, apoiar, tentar impedir a violência que te abateu, a ti e outros companheiros e companheiras, ao longo dos anos.

A saúde não dói pelo que vivemos, mas pelo que deixamos de fazer e de ser.

Olho pro teu rosto e tu me falas de novo: "Eu cheguei, Ana Maria, empurrada, mas cheguei. Também não queria, mas o que se há de fazer... Vocês ficaram e irão

continuar: tantas mulheres e homens, as minhas irmãs de Notre Dame, que cerraram fileiras perto do povo dos projetos, em Anapu, o povo deste Congresso todo. Agora é com vocês: meu corpo, empurrado para a morte e plantado em terra de Anapu, está renascendo em cada pessoa que renova o compromisso profético da fidelidade ao Deus dos pobres, à serviço dos pobres da terra. Afinal, lembrás, eu ajudei a escrever estas palavras no encontro dos 'antigos da CPT'. É a missão da CPT! A nossa missão.

Eu continuo por aí, com vocês, guardando e sustentando seus passos, para que não desviem do compromisso, nem tropecem nos perigos.

E, se alguém, como eu, for empurrado antes da hora, estarei aí para acolhê-lo em meus braços e introduzi-lo na casa maior, onde todas e todos estaremos para sempre, sem ameaças e perigos. Afinal, eu só fui um pouco na frente e aguardo vocês".

Então tá, Dorothy, eu enxugo as lágrimas e volto ao meu Amapá, a continuar meu serviço, iluminada pelo teu sorriso, fortalecida pelo teu testemunho, levando teu carinho como escudo protetor.

II CONGRESSO NACIONAL DA CPT

A presença dos mártires

MARISTELA VITÓRIA

Fotos: Marina Moreira

O povo foi chegando e ocupando a praça do Chafariz, na Cidade de Goiás, Goiás. Por volta das 19 horas, já era grande o número de pessoas. Eram trabalhadores rurais, agentes da CPT, quilombolas, pescadores, ribeirinhos e os moradores da cidade. Ao som de uma congada, entram estandartes, que estampam a imagem de testemunhas da luta pela terra. É a celebração de Memória dos Mártires, realizada no dia 16 de junho, durante o II Congresso Nacional da CPT.

Cânticos são entoados enquanto lavradores e lavradoras entram carregando a cruz martirial. Os mártires são lembrados, sob uma perspectiva pascal, de vida, e a importância de cada um para a caminhada dos povos da terra e das águas e, em especial, para a CPT em seus 30 anos. Cada um, com vela em punho, sob o som da congada, começa a caminhar. Seis paradas são feitas antes do momento final, no lago da Carioca.

Na memória

Os mártires da terra, alguns vivos, outros não, foram lembrados a cada parada. Entre eles estavam: Henrique Trindade, do Mato Grosso, era posseiro em



Alto Paraguai. Foi assassinado em 1982. Padre Josimo, que foi agente da CPT no Tocantins, morto em 1986. Também foram lembrados Sepé Tiaraju, do Rio Grande do Sul; Irmã Olga Massolo, do Mato Grosso do Sul, e Dom José Gomes, de Santa Catarina.

Do Rio de Janeiro, a testemunha foi Sebastião Lan, sindicalista de São Pedro da Aldeia, Cabo Frio, morto em 1988. De Minas Gerais, os mártires foram as cinco vítimas do Massacre de Felisburgo, ocorrido

em novembro do ano passado, e Pe. Justino Obers. Do Acre, a testemunha foi Chico Mendes, sindicalista de Xapuri, assassinado em 1988. Ainda foram lembrados os mártires de São Paulo, Argentina Maria; do Amazonas, D. Jorge; de Rondônia, Irmã Ana Estela; do Paraná, Beato João Maria, e do Maranhão, Adão Marinho.

Margarida Alves, sindicalista morta em 1983, foi a testemunha da Paraíba. Ao lado dela, foram lembrados ainda Benedito Alves, Benezinho, trabalhador rural

de Acará; e o sindicalista Gringo, os dois do Pará. Beato Zé Lourenço, o poeta Patativa do Assaré e Pe. Ibiapina foram os mártires vindos do Ceará. Durante a caminhada ainda foram citados Alvino, da Bahia, e Maria de Nazaré Mineiro, liderança dos trabalhadores rurais no Amapá, morta em 1998.

A cada parada, depois de lembrados os mártires de cada grande região, uma fita ia sendo amarrada à cruz. Da grande região Noroeste a fita era de cor verde; a Sul, lilás; a Centro-Oeste, amarela; a Nordeste branca, a Sudeste, azul, e a Norte a fita era vermelha. Chegando ao lago da Carioca, às margens do rio Vermelho, uma grande roda foi se formando. Ao centro, ficou a cruz e a fogueira. O poema *Todos sabiam ... também desta vez!*, sobre Irmã Dorothy Stang, foi lido por Anna Maria, agente da CPT Amapá e autora do texto. Cânticos foram entoados e logo após, o vinho foi compartilhado em cuias. No final, duas pessoas marcaram a celebração: dona Olinda, mãe de padre Josimo, e padre Chicão, Francisco Cavazutti, que sofreu um atentado em 1987 e ficou totalmente cego. Os dois participaram do Congresso.

● Assessora de comunicação da CPT Nacional

Dorothy Stang: patrona do Congresso

ANTÔNIO CANUTO

Irmã Dorothy Stang, assassinada no dia 12 de fevereiro deste ano, foi presença marcante em todas as atividades do Congresso, realizado de 14 a 18 de junho. Ela foi a patrona de todo o evento. Esta religiosa estadunidense, naturalizada brasileira, se integrou aos trabalhos da CPT desde o começo. Seu jeito simples, seu sorriso aberto, sua atitude de dialogar e de ler o Evangelho para quem, sabia, iria matá-la, conquistaram a simpatia de todos os que viram as imagens exibidas nos meios de comunicação depois de sua morte. Além dela, cada dia teve um patrono ou patrona que presidiram as atividades da plenária.

A testemunha do dia 15 foi Luiz Ório. Gaúcho, nascido em Rondinha, ainda jovem deixou sua terra e família e se dirigiu

para Goiás. Ele foi o grande animador das comunidades rurais da Diocese de Goiás e um incentivador da organização dos trabalhadores e trabalhadoras do campo. Faleceu no dia 10 de dezembro de 2002, em um acidente de carro.

Os trabalhos do dia 16 tiveram como patrona Irmã Lila Assis. Ela foi uma das fundadoras da CPT Minas Gerais. Dedicou sua vida à luta dos sem-terra, dos operários, nas CEBs, na Pastoral da Saúde e dos Direitos Humanos. Lutadora incansável pela cidadania e libertação da mulher, morreu vítima de câncer de mama, em 8 de março de 2001.

Frei Arthur Agostini, franciscano, foi a testemunha do dia 17. Este gaúcho durante muitos anos dedicou-se ao trabalho de formação de lideranças e ao acompanha-

mento dos povos indígenas em Roraima. Como coordenador da CPT, estimulou a organização dos trabalhadores e trabalhadoras do campo. Frei Arthur era muito respeitado em Roraima e um companheiro muito querido. Faleceu em 15 de agosto de 2001, em um acidente de carro na BR-174, cerca de 150 quilômetros de Boa Vista.

A testemunha do último dia do Congresso, 18, é uma figura viva e muito querida pela CPT, Dom Pedro Casaldáliga. Este espanhol de nascimento, mas brasileiro de coração, desde 1968 vive no Mato Grosso, às margens do Araguaia. Em 1971 foi consagrado bispo da nova Prelazia de São Felix do Araguaia. Pedro foi peça-chave



na criação da CPT, em 1975. Durante todos estes anos sua presença foi constante em todas as Assembléias e atividades nacionais. Dada a debilidade de sua saúde, Pedro não pôde participar do II Congresso, mas enviou uma mensagem aos congressistas, convocando a todos e todas a manter o espírito profético da CPT.

● Secretário nacional da CPT

Alguns versos

sobre o Congresso da CPT

I
No início destes versos
Peço para me iluminar
A senhora, nossa mãe,
Está presente no altar
E ao Menino Jesus
Que nasceu pra nos salvar.

II
Chegamos a Goiás
Vindo de todo o Brasil
Agentes e trabalhadores
Ao todo quase mil
Comemoramos as vitórias
Deste povo varonil

III
Este segundo Congresso
Que a CPT preparou
É continuação do primeiro
Que em 2001 se realizou
Para fazer uma análise
Que aquele Congresso tirou

IV
Na abertura do congresso
Assistimos o teatro
Ficamos maravilhado
Pois o teatro contou
Vida e morte de um cristão
Que morreu assassinado

V
Este homem quando novo
Tinha feito uma opção
De lutar com os excluídos
De ter terra água e pão
Orientando o povo
Pra sair da opressão.

VI
Os fazendeiros vendo isto
Ficaram indignados
Pois a semente lançada
Já havia germinado
No coração desse povo
Pra luta estavam animados.

VII
O latifúndio se reuniu
Pra discutir a questão
Se deixassem aquele padre
Organizando o povão
Muito breve acabaria
Em uma revolução

VIII
Josimo naquele dia
Teve a morte decretada
A terra de sangue seria lavada
Sua morte o povo chorou
Mas a semente plantada
No seu coração ficou

IX
No primeiro dia do congresso
O assunto foi a terra
Que hoje em nosso país
É um motivo de guerra
Enquanto não conquistarmos
Nossa luta não se encerra.

X
Na primeira parte do dia
Fala teólogo e professor
Mostrando que o governo
Pouco fez pra o trabalhador
Nós teremos que lutar
Para termos o valor

XI
A tarde formamos grupos
Pra contar nossa vivência
O saber do povo pobre
É a base da ciência
Os cientistas estudam
As nossas experiências

XII
No outro dia seguiu
Fazendo o mesmo esquema
As discussões da manhã
Tendo água como tema
A tarde foi para os grupos
Analisar o problema

XIII
No terceiro dia foi
Debatido com proveito
Pois todos os expositores
Falou-nos sobre os direitos
A tarde analisamos
O que a CPT tem feito

XIV
No fim do terceiro dia
Todos com muita alegria
Para louvar nossos mártires
Mortos pela tirania
Que lutaram e morreram
Buscando soberania

XV
Se eu for falar aqui
De todos que na luta tombaram
Levaria muito tempo
Em narrar sem intervalo
Mas eu sigo seus exemplos
Eu choro, grito, não calo

XVI
Mas agora estou vendo
Que a coisa tá mudando
Os movimentos sociais
Estão se organizando
Pra quebrar esta cangalha
Que estamos carregando

XVII
A CPT sempre teve
Uma grande preocupação
De orientar o povo
Se não lutarmos unidos
Nossa luta é de peixinhos
Contra o grande tubarão

XVIII
Agora vou terminar
Fazendo o agradecimento
Pra acontecer o congresso
Muitos doaram seu tempo
Deixando seus afazeres
Pra preparar este evento

XIX
Ao povo aqui presente
A minha apresentação
Minha escola foi a vida
A caneta, o enxadão
O diploma é o povo
Na sua organização

XX
Sebastião Arnaldo de Souza
Meu nome de cidadão
A todos deixo um abraço
Do fundo do coração
Me chamam de Tião Preto
Poeta da multidão

Goiás, 18/06/2005

● Sebastião Arnaldo de Souza é do município de Anastácio, Mato Grosso do Sul. Ele é da Articulação Nacional do Movimento e Práticas de Educação em Saúde (ANEPS) tiaopreto@hotmail.com

CONVIVÊNCIA ENTRE AGRICULTURA E NATUREZA

Uma experiência no Nordeste de Mato Grosso

NÚBIA MARIA DA SILVA

“Sinto o quanto é importante nossa formação e informação no campo. Hoje meu marido não precisa mais sair de casa para trabalhar em fazendas. Trabalha só em nossa terra cuidando do nosso Casadão”, afirma Goiamar Pereira Chagas, 32, em uma das oficinas de trabalho realizada durante o II Congresso Nacional da CPT.

O Casadão consiste em tentar reproduzir na agricultura o que acontece na floresta tropical, ou seja, casar tipos diferentes de vegetação de tal forma que se garanta o equilíbrio ambiental. Esta foi a experiência escolhida pela CPT Araguaia/Tocantins para ser debatida durante o Congresso.

As agricultoras Goiamar Pereira Chagas, 32, casada, mãe de dois filhos, e Rosilene Alves da Silva, 28, casada, também mãe de dois filhos, junto com o agrônomo e agente da CPT Araguaia, Abílio Vinícius Barbosa Pereira, são protagonistas desta experiência que nasceu em agosto de 2000, no Nordeste do Mato Grosso, na região da Prelazia de São Félix do Araguaia.

Para Goiamar Pereira a idéia do Casadão surgiu a partir de um curso de formação que aconteceu no projeto de assentamento Dom Pedro, em São Félix do Araguaia, Mato Grosso, onde conquistou um lote de reforma agrária.

No assentamento, a experiência de ter o menor impacto ambiental possível, de recuperar áreas degradadas e de transformar áreas de pastagem e de solo pobre em mata

viva com o plantio de frutas e lavouras brancas começou com 11 famílias. Hoje, com 100 famílias participando da dimensão coletiva da proposta do Casadão, os assentados conseguem sobreviver da terra de uma forma digna e já pensam na construção de um mundo mais justo,

ainda a nigramina e neem, e deles extrai substâncias que servem de fertilizantes e inseticidas naturais.

O sistema Casadão foi uma iniciativa de algumas organizações que trabalham na Amazônia. As experiências iniciadas no Pará, Rondônia e Acre foram adaptadas à realidade do Mato Grosso.

Famílias que só pensam em competir com os grandes pecuaristas, devastando a natureza para formar gran-

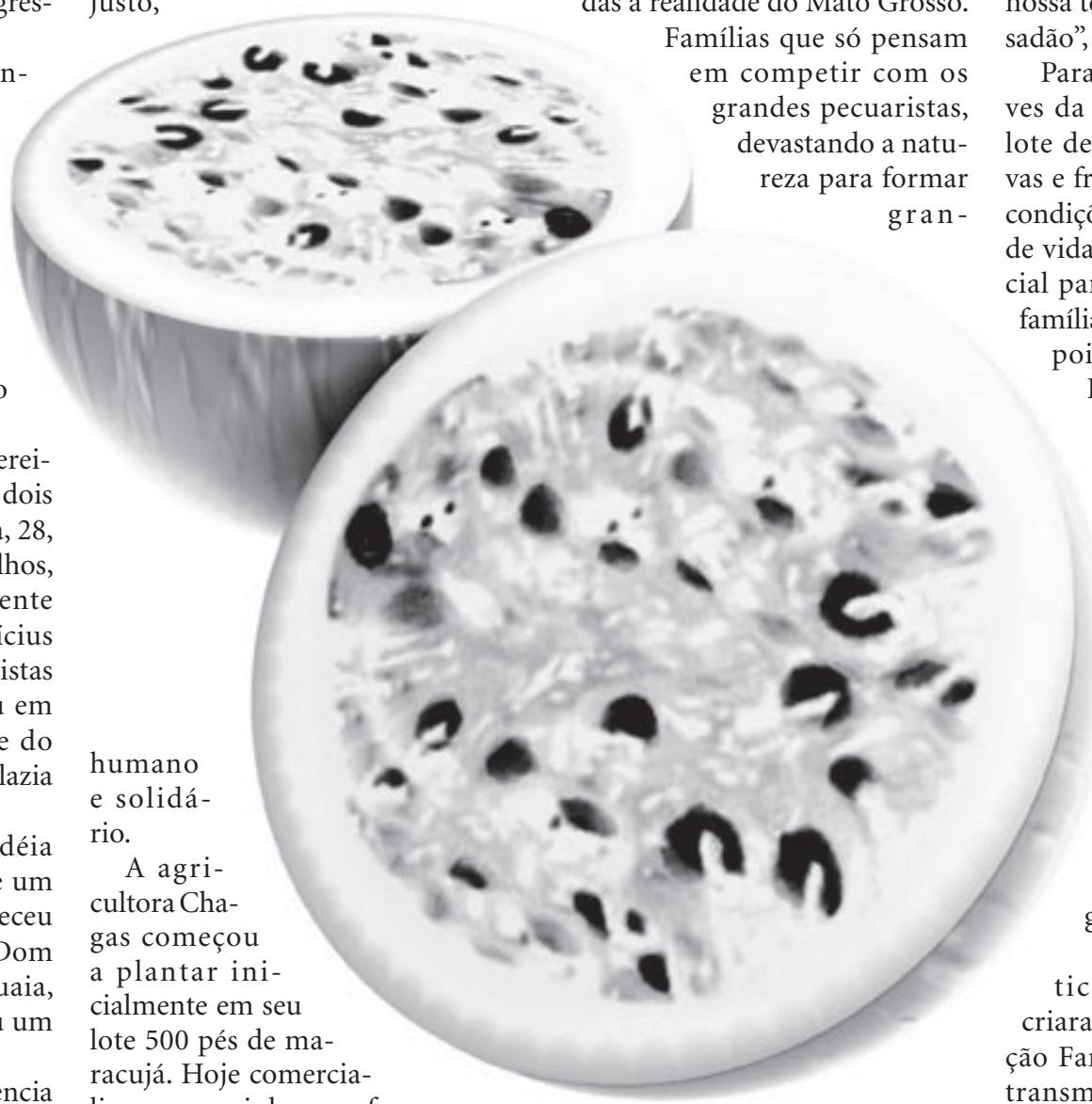
forma até conhecer a CPT e a experiência do Casadão. Ela diz que sua vida mudou completamente “sinto o quanto é importante a nossa formação e informação no campo. Hoje meu marido não precisa mais sair de casa para trabalhar em fazendas. Trabalha só em nossa terra cuidando do nosso Casadão”, ressalta.

Para a camponesa Rosilene Alves da Silva, que cultivava, em seu lote de 55 hectares, plantas nativas e frutíferas, o Casadão lhe deu condições de melhorar a qualidade de vida. “Eu comprava suco artificial para meus filhos. Hoje nossa família tem outra consciência depois de passar pela Escola de Formação Araguaia-Xingu. Hoje faço nosso suco natural colhido da nossa terra”, observa.

Segundo ela, o Casadão e a Escola de Formação mudaram o rumo da sua vida familiar. Come com fartura. Vende o que sobra. “Somos patrões de nós mesmos. Temos mesa farta e no final do mês ainda sobra um dinheirinho do que vendemos”, garante.

Os agricultores que participam desta experiência criaram recentemente a Associação Família Casadão (AFC) para transmitir a riqueza desse modo de trabalhar como sinal da resistência para viver com dignidade na terra.

● CPT Araguaia/Tocantins



humano e solidário.

A agricultora Chagas começou a plantar inicialmente em seu lote 500 pés de maracujá. Hoje comercializa e encaminha seus frutos para uma despoldadeira e para a feira. Além do maracujá, Chagas produz cupuaçu e tem 2.600 pés de abacaxi plantados. A família planta

des extensões de pasto, podem levar consigo o testemunho de Goiamar Chagas que um dia pensava da mesma

ENTREVISTA COM PADRE AMARO

A Anapu de muitos conflitos

MARISTELA VITÓRIA

"De vítima a gente se torna réu". A frase, de Padre Amaro, descreve a situação em que milhares de famílias de camponeses estão vivendo em Anapu, Pará. Pároco de Santa Luzia, José Amaro Lopes de Sousa é coordenador da CPT da Prelazia do Xingu. Durante 14 anos trabalhou com as comunidades que vivem na região da Transamazônica ao lado da Irmã Dorothy Stang, assassinada em 12 de fevereiro deste ano. A paróquia de Santa Luzia tem 72 comunidades eclesiais de base e abrange uma área com 22 mil habitantes.

Padre Amaro auxilia as famílias de trabalhadores rurais de acampamentos e da Gleba Manduacari, composta por seis lotes de 3 mil hectares. Ele ainda acompanha os projetos de desenvolvimento sustentável (PDSs) Virola Jatobá e Esperança, este último, onde Dorothy foi morta. Durante o II Congresso da CPT ele concedeu entrevista ao Pastoral da Terra. Veja trechos desta conversa.

Qual é a realidade em Anapu?

A situação lá é muito conflituosa. Com a abertura da Transamazônica, em 1972, pelo governo Médici, o povo foi jogado lá, abandonado. As terras da União foram repassadas para os fazendeiros do sul do país. Só que depois deveriam voltar para a União e as pessoas acabaram ficando nas terras (estas áreas foram objetos de contratos de Alienação de Terras Públicas, celebrados entre o Incra e particulares. Os acordos tinham duração de cinco anos; e, neste período, a pessoa teria que tornar a área produtiva. Caso isto não acontecesse, a terra voltaria para a União e seria destinada à Reforma Agrária. Só que os contratantes iniciais começaram a vender as terras para terceiros, dando origem a um grave processo de grilagem).

Em Anapu os assentamentos e acampamentos não têm o apoio do governo e do Incra. Eles dizem que a área é da União, mas os fazendeiros estão lá dentro, e várias pessoas vêm morrendo. Eu há 14 anos acompanhava a Irmã Dorothy, que foi morta agora, em 12 de fevereiro. Há 8 anos como padre, mas é muito difícil, é muita ameaça. Sofremos

também discriminação, começando pelo poder público municipal, o estadual, e a polícia. Nela nós não confiamos, principalmente a civil, que tá lá. Essa polícia negou segurança à Dorothy. E hoje, esta mesma polícia diz que puniu os culpados, confiar em quem?, só em Deus.

Como tem sido o trabalho desta polícia?

Eles pegam os trabalhadores inocentes, como tivemos casos agora, na apuração do crime contra Dorothy, e fazem intimidação. Eles estão a serviço do Estado, dos fazendeiros, e não dão apoio aos trabalhadores.

Então não dá para recorrer à polícia?

Nós recorremos. Fazemos todo o caminho burocrático, denunciamos, fazemos ocorrências, mas depois não acontece nada. De vítima a gente se torna réu.

Mas a presença da Polícia Federal e do Exército não mudou nada?

Agora, depois da morte da irmã Dorothy, foram para lá a Polícia Federal e um pequeno contingente do Exército.

Muitas mortes que ocorriam na rua diminuíram um pouco. Mas agora dizer que levaram a paz para o campo... Eles estão na cidade, deveriam então ir lá para dentro do mato.

E o sr. tem recebido muitas ameaças?

A situação é bastante conflituosa. Nós tínhamos uma rádio comunitária, que tivemos que fechar. Depois da morte da Dorothy, eles começaram a usar duas rádios para falar contra o Governo, contra o Exército, contra a Polícia Federal. O próprio Exército gravou uma fita e mandou para o Ministério Público, aí as duas rádios foram fechadas. Na Câmara Municipal, os vereadores disseram que iam escrever carta para o novo Papa me tirar de lá, porque eu não pregava a palavra de Deus, pregava só questão política. Recebo também recados, para não ir a determinado local se não vou morrer. Este tipo de ameaça é constante.

Onde o sr. encontra forças para continuar lutando?

Encontro na palavra de Deus, na eucaristia e nos companheiros e companheiras. Quando você chega naquela mata,

naqueles taperizinhos, aquelas pessoas acampadas. Ali a gente celebra, faz festa, você sente aquela força e sente que não está só.

E o que o sr. achou da decisão do Superior Tribunal de Justiça (STJ) de negar o pedido de federalização do julgamento do crime contra Dorothy?

Eu achei a decisão muito arbitrária. O governo diz que é o primeiro caso que eles pegaram os assassinos. Eles não os pegaram, os criminosos se entregaram. A decisão é uma forma de dar apoio ao Governo do estado, a um estado de impunidade. Mas nós não vamos parar, nós vamos lutar e, com fé em Deus, conseguiremos um milhão de assinaturas para que o caso ainda seja federalizado.

Qual o futuro dos trabalhadores e trabalhadoras rurais desta região?

O futuro deles depende do governo, da regularização das terras. Só com um pedaço de terra é que eles poderão trabalhar, e terão um futuro feliz, porque aquelas terras são abençoadas.

● Assessora de comunicação da CPT Nacional

CULTURA

Jessier Quirino
CPT Amapá

...E eu que fui enfeitada
Só porque era furada.
Me botaram um pau na boca,
Sabão grudaram no furo,
Me obrigaram a levar água
Muitas vezes pendurada,
Muitas vezes num jumento.

Era aquele sofrimento,
As juntas enferrujadas.
Fiquei com o fundo comido.
Quando pensei que tivesse
Minha batalha cumprido,
Um remendo me fizeram:
Tome madeira no fundo
E tome água e leva água,
E tome água e leva água.

Daí nasceu minha mágua:
O pau da boca caía,
Os beijos não resistiam.
Me fizeram um troca-troca:
Lá vem o fundo pra boca,
Lá vai o pau para o fundo.
Que trocado mais sem graça
Na frente de todo mundo!
E tome água e leva água,
E tome água e leva água.

Já quase toda enfadada,
Provei lavagem de porco,
Aí mexeram de novo:
Botaram o pau na beirada,
E assim, desconchavada,
Medi areia e cimento,
Carreguei muito concreto
Molhado, duro e frito,
Sofri de peito aberto,
Levei baque, dei peitada.

Me amassaram as beiradas,
Coraram minhas entranhas.
Lá fui eu assar castanha,
Fui por fim escancarada,
Servi de cocho de porco
Servi também de latada.

Se a coisa não complica,
Talvez eu seja uma bica
Pela próxima internada.
E inverno é chuva, é água,
E eu encherei outras latas
Cumprindo minha jornada.



Assine ou renove sua assinatura

Nome: _____
Endereço: _____
Exemplares: _____

Assinatura anual:

- ☐ Brasil R\$ 10,00
☐ Para o exterior US\$ 20,00

Pagamento pode ser feito através de depósito no Banco do Brasil,
Comissão Pastoral da Terra, conta corrente 116841-X, agência 1610-1.
Informações: canutocpt@cultura.com.br

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA

Secretaria Nacional: Rua 19, nº 35, Ed. Dom Abel, 1ºAndar, Centro.
CEP 74.030-090 – Goiânia, Goiás – C.P. 749 - CEP 74.001-970

IMPRESSO

VIA AÉREA